

SAFRA BRASÍLIA

CINEASTAS BRASILIENSES TRABALHAM INCANSAVELMENTE PARA CONCLUIR SEUS FILMES A TEMPO DE PARTICIPAR DO FESTIVAL

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Se depender dos cineastas candangos, o XXV Festival de Brasília do Cinema Brasileiro não será "um festival de cinema falado". Ou seja, uma festa que substituirá imagens por debates. O secretário Fernando Lemos, sufocado pela contenção de verbas que atormenta o Distrito Federal e pela falta de longametragem, chegou a ponderar que "quem não tem filme caça com papo".

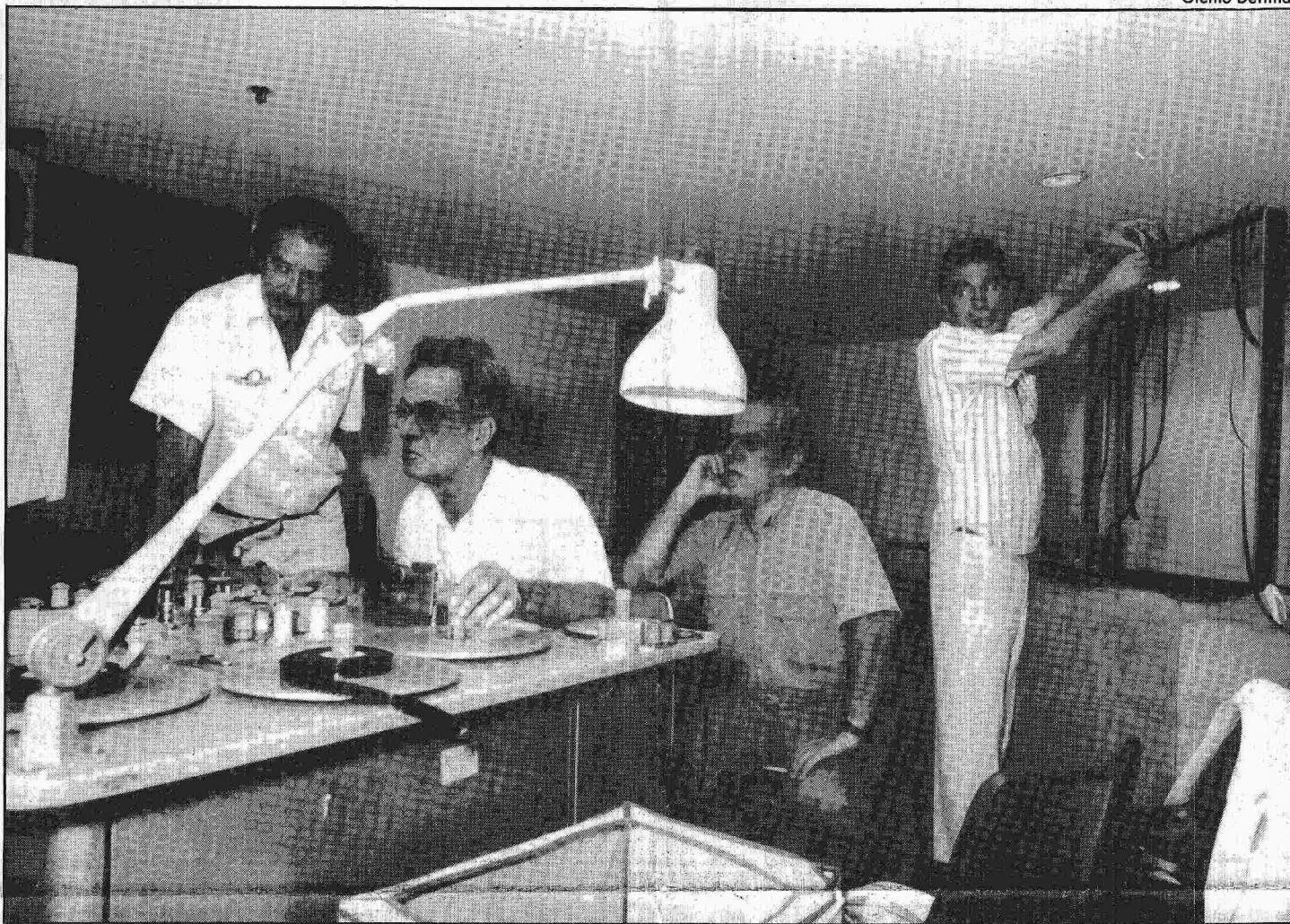
Nos bastidores, o trocadilho pegou mal. Produtores, cineastas e a crítica especializada lembraram que festivais de cinema são feitos com imagens impressas em película, e não só com congressos, mesas-redondas, simpósios ou seminários. Estabeleceu-se o impasse. Finalmente, Lemos saiu do ceticismo que o tomou nas últimas semanas e resolveu ajudar a solucionar o problema dos produtores (selecionados pelo *Edital Nacional do Pólo de Cinema e Vídeo*) e o Banco de Brasília (BRB). No meio da tarde de hoje, haverá rodada de entendimento (veja box).

Enquanto os cineastas de outros estados batalham recursos para concluir seus filmes, a turma de Brasília trabalha sem descanso. O Ceprocine (Centro de Produção Cinematográfica), instalado numa sala da Fundação Cultural, no anexo do Teatro Nacional, virou ponto de encontro de diretores, montadores, fotógrafos e músicos. Lá, Roberto Pires, João Ramiro Melo, Márcio Curi, Waldir de Pina, Pedro Anísio, Yanko del Pino e Lionel Luccini cuidam da finalização de seus filmes.

Roberto Pires, 58 anos, diretor (*Tocaia no Asfalto*, *Abriço Nuclear* e *Césio 137*), fotógrafo (*A Idade da Terra*) e montador, trabalha incansavelmente na velha moviola do Ceprocine. Depois de montar *Defunto Vivo*, curta de Joaquim Saraiva (já pronto), ele cuida de *A TV Que Virou Estrela de Cinema*, longa-metragem de Márcio Curi e Yanko del Pino. Trata-se de filme infanto-juvenil, nascido em conversas no Festival de Brasília de 86, quando *A Dança dos Bonecos*, de Helvécio Ratton, causou sensação e ganhou o Troféu Candango do Festivalzinho de Brasília do Cinema Brasileiro. No elenco da *Estrela* (como nos *Bonecos*) está Wilson Grey.

João Ramiro Melo, 58 anos, assina a montagem de *Explosão Aborígene*, longa-metragem de Pedro Anísio, que pretende traçar painel político-cultural do Brasil dos militares, passando pela Nova República, e desaguando no Brasil Novo. Com poucos recursos, o filme não ficará pronto a tempo de participar do Festival de Brasília. Depende, inclusive, de autorização do presidente Collor para a coleta de imagens e depoimento que farão o fecho do filme (veja box).

Documentário — Ao Festival chegarão vários documentários brasileiros, novinhos em folha. Um deles é *Quem Foi Santos Dumont*, de Pedro Jorge de Castro, 48 anos, professor da UnB e autor do longa *Tigipió* e de vários curtas (entre eles, *Brinquedos Populares do Nordeste*, Troféu Candango em 1977). No final deste mês, estará na la-



No Ceprocine, Lionel Luccini, Roberto Pires, Márcio Curi e João Ramiro Melo trabalham a todo vapor para finalizar os seus filmes

ta a primeira cópia deste filme que nasceu em Paris, em 1979. Pedro estava na capital francesa, quando teve acesso a pessoas que conviveram com o inventor Santos Dumont. Em 35 milímetros, registrou depoimento de Madame Tissandier e de Terry Tissandier, afilhado do aviador. "Se a senhora Tissandier estiver viva" — pondera Pedro — "já se aproxima dos 100 anos. Terry deve estar entrando na casa dos 70. No Brasil, o cineasta ouviu a aviadora Anésia Pinheiro Machado, que também conheceu Santos Dumont.

Além de *Quem Foi Santos Dumont*, Pedro Jorge pode mostrar, no Festival, outro filme, só que em 16 mm: *A Fazenda Pau D'Alho* (12 minutos). "Trata-se" — explica — "de uma aula de arquitetura analítica, que mostra uma fazenda do interior de São Paulo, em São José do Barreira".

O documentário é, também, a opção de Lionel Luccini (*Babaçu*), Waldir de Pina (*Passageiros de 2ª Classe*) e Heins Forthman (*Rito Krahô*). O argentino-brasileiro Lionel Luccini, 51 anos, é um velho cultor do gênero. Ele já assinou *Cavalhadas de Pirenópolis*, *Taim* e *Antártida*. Agora, com apoio do Pólo, conclui *Babaçu*, realizado há cinco anos, no Maranhão.

O cineasta garante que não fez um filme didático, mas sim "uma obra que documenta o que se ganha e o que se perde com o avanço das fronteiras agrícolas". Tudo "com olhar voltado para a questão ecológica e para o homem que vive do extrativismo do babaçu". E mais: "Há uma opção etnográfica, que não exclui a poesia". Poesia que Lionel detecta, em especial, na criatividade de um garoto de 12 anos, que transforma a palha do babaçu numa pomba, compondo delicada peça artesanal. A fotografia de *Babaçu* é de Antônio Segatti, o som de Chi-

quinho Bororo e trilha sonora de João Madsen, que funcionou também "como guia espiritual do projeto". Xangai interpreta uma das canções do filme.

Passageiros de 2ª Classe, de Waldir de Pina, 40 anos, documenta imagens dos internos no Hospital Adauto Botelho, "onde se dá a intersecção da demência com a indigência". Ou seja, "onde são recolhidos os loucos pobres, indigentes mesmo, enlouquecidos pela miséria social e humana que os cerca". O filme tem edição de Márcio Curi (montador de *Meteorango Kid*, o *Herói Intergalático*, de André Luís de Oliveira) e fotografia do próprio Waldir de Pina.

Rito Krahô é um projeto póstumo. Seu autor, o fotógrafo alemão Heins Forthman, ex-professor da UnB, morreu nos anos 80, e deixou a obra inacabada. Trata-se de um documentário em 16 mm, a cores, com 40 minutos de duração. Foi realizado há 20 anos, com assessoria do antropólogo Julio César Melatti, também professor da UnB. Marcos Mendes, que foi aluno de Forthman e realizou média-metragem sobre sua trajetória (premiado em Gramado/90), empenhou-se na finalização de *Rito Krahô*. O filme deverá ficar pronto às vésperas do início do Festival de Brasília. Assinam sua montagem o próprio Marcos Mendes e Francisco Moreira.

Ficção — *Defunto Vivo*, de Joaquim Saraiva, já está pronto há quatro semanas. Trata-se de uma curta de ficção, definido por seu autor como "comédia rasgada, que narra a estória de um homem que pegou carona num caixão, provocando, com este ato, série de contratempos". No elenco estão Andrade Jr., Mangueira Diniz, Ivan Marques, entre outros atores de teatro da cidade. O próprio Saraiva é ator e diretor de teatro.

Good-Bye, de José Geraldo Magalhães, 29 anos, constitui-se em caso à parte. O filme foi realizado em 1986. Só que, na última hora, faltou grana para consertar defeito de sincronia, que perturbou o resultado final. Quando, cinco anos depois, surgiu o *Edital de Finalização de Filmes Brasileiros*, lançado pelo Pólo, o cineasta solicitou recursos para colocar o filme nos eixos. "Levei *Good-Bye* ao Rio" — conta — "e ele foi submetido a processo de resincronização, remontagem do som e remixagem". A cópia que será exibida durante o Festival — provavelmente em caráter *hors-concours* — "é novinha em folha". No elenco do filme, que dura 15 minutos, estão Patrícia Mansur e João Pedro Oliveira.

O filme de Vladimir Carvalho — *Conterrâneos Velhos de Guerra* — é o nono título do *Pacote Brasileiro* (o chamado "cemitério de filmes", ao qual a Assembleia Legislativa ofereceu apoio quando transformou o projeto do Pólo de Cinema e Vídeo em realidade legal). O filme, já exibido no Festival de Brasília de 1990 (em 16 mm), e nos Festivais de Havana e Gramado (em 35 mm) estará, mês que vem, no Festival da OEA, em Washington, e no dia 23 de novembro encerrará o Festival de Brasília.

Balanço — Roberto Pires, sem deixar a moviola do Ceprocine, comenta, satisfeito, que "pelo menos os títulos apoiados pelo *Edital de Finalização do Filme Brasileiro* chegarão às telas do Festival". Espera que "o mesmo aconteça com parte dos filmes selecionados pelo *Edital Nacional*". O próprio Roberto teve um projeto aprovado — *Contos da Meia-Noite*, uma série de cinco episódios (em vídeo). Hoje, ele acompanhará, com redobrado interesse, os entendimentos entre os cineastas e o presidente do BRB.

OS TÍTULOS

A TV Que Virou Estrela de Cinema, longa de ficção. De Márcio Curi e Yanko del Pino. Conclusão prevista para 10 de outubro (em 16 milímetros) e 15 de novembro (em 35mm).

Quem foi Santos Dumont, curta-documentário, de Pedro Jorge (16 minutos). Em 35mm. Conclusão prevista para 30 de setembro.

Babaçu, curta-documentário, de Lionel Luccini (20 minutos). Em 16mm. Conclusão prevista para 15 de outubro.

Passageiros de 2ª Classe, curta-documentário de Waldir de Pina (25 minutos). Em 16mm. Conclusão prevista para 15 de novembro.

Rito Krahô, média-metragem de Heins Forthman (obra póstuma). Conclusão, a cargo de Marcos Mendes, prevista para 15 de novembro. Em 16mm.

Explosão Aborígene, documentário-ficção em longa-metragem. De Pedro Anísio. Conclusão prevista para 31 de dezembro, 16mm.

Defunto Vivo, curta-metragem (ficção), de Joaquim Saraiva (já concluído, 16mm).

Good-Bye, curta de ficção, de José Geraldo Magalhães. O filme, de 86, passou por processo de resincronização e remontagem (concluído).

Conterrâneos Velhos de Guerra, de Vladimir Carvalho (ampliado de 16 para 35 milímetros, com cópias legendadas em inglês e espanhol). Vai representar o Brasil no Festival da OEA, em Washington (outubro).

Encontro decisivo entre cineastas e o presidente do BRB

Hoje, às 16h00, o presidente do BRB (Banco de Brasília), Vasco Ervilha, recebe, em audiência, grupo de cineastas com projetos aprovados pelo *Edital Nacional do Pólo de Cinema e Vídeo*. Com certeza estarão no gabinete da presidência do Banco os cineastas André Klotzel (*Capitalismo Selvagem*), Sérgio Bianchi (*Causa Secreta*), André Luiz de Oliveira (*Louco por Cinema*) e Pedro Jorge de Castro (*O Calor da Pele*) e os produtores Sarah Silveira (*Amor Corsário*) e Tarcísio Vidigal (*Menino Maluquinho*). Nelson Pereira dos Santos (*A Terceira Mar-*

gem do Rio) e Ugo Giorgetti (*Sábado*) dependem da solução de compromissos em Salvador e em São Paulo.

Cineastas e produtores, que se farão acompanhar do secretário de Cultura, Esporte e Comunicação Social, Fernando Lemos, esperam definição de regras mais flexíveis para a liberação dos financiamentos garantidos pelo Pólo. Até agora, o Banco de Brasília vem jogando com regras consideradas "rigorosas" pelos cineastas. Ou seja, exigindo hipoteca de bens patrimoniais. Os produtores, em contra-

partida, oferecem os negativos de seus filmes e aval, "métodos mais condizentes com a realidade atual da indústria cinematográfica brasileira". Se solução para o impasse não for encontrada na audiência de hoje, inexistirão filmes novos para a 25ª Edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro (17 a 24 de novembro). André Klotzel, por exemplo, necessita de 60 dias para concluir *Capitalismo Selvagem*. A situação de Carlos Reichembach e Sérgio Bianchi é um pouco melhor. Mas, na realidade, cineastas e Festival empreendem luta contra o tempo. (MRC).